



## **Cosmovisões e a construção do conhecimento agroecológico: Um olhar sobre as festividades de São João no nordeste brasileiro**

Tavares de Lima, Jorge Roberto, UFRPE, jorgertlima@gmail.com; Silva, José Nunes, UFRPE, zenunes13@yahoo.com.br

### **Eixo temático: Construção do Conhecimento Agroecológico e Dinâmicas Comunitárias**

**Resumo:** No Nordeste, o São João é uma das maiores festas da região. Há diferentes cosmovisões que a seguir iremos detalhar. A Agroecologia tem um papel neste processo, que acreditamos ser pela vida, pela resistência, pela biodiversidade, pela solidariedade, pela reciprocidade e assim possa contribuir para o futuro, com realização de um São João, rico, pleno, com danças, ritos, músicas, comidas e que seja a expressão maior da fartura e do bem viver.

**Palavras-Chave:** cosmovisão; saber popular; diversidade; Agroecologia

**Keywords:** Worldviews and the construction of agroecological knowledge: A look at São João festivities in northeastern Brazil

**Abstract:** In the Northeast, São João is one of the biggest festivals in the region. There are different worldviews that we will detail below. Agroecology plays a part in this process, which we believe to be life, resistance, biodiversity, solidarity, reciprocity and thus contribute to the future, with the realization of a rich, full St. John with dances, rites, songs, food and that is the greater expression of the abundance and the good to live.

**Keywords** worldview; popular knowledge; diversity; Agroecology

### **Contexto**

No Nordeste, o São João é uma das maiores festas da região. Rivaliza com o carnaval. Toda cidade grande ou pequena comemora. São fogos, fogueira, danças e comida. As prefeituras organizam e promovem grandes arraiais com objetivo de aumentar a receita do município. É hoje a chamada economia criativa. Estima-se, por exemplo que neste período, Caruaru/PE que rivaliza com Campina Grande/PB como maior São João do mundo, tem um incremento de receita de ano para ano, em torno de duzentos milhões. Hotéis e restaurantes cheios. Turistas, publicidade e promoção, aparentemente, de todo tipo.

Esta é uma visão do mundo dos negócios e das cidades. De uma cosmologia onde no dizer dos Yanomames, coisa de branco, “povos da mercadoria”. Tudo se mede. Considerando o milho como uma mercadoria este tem seu valor, depende das safras. O milho, em junho de 2019, custa a mão<sup>1</sup> na CEASA/PE, trinta reais. Uma refeição pelo equivalente a três mãos de milho. O hotel para um casal, quatro mãos de milho. Sempre dependendo do nível e do lugar. É uma festa. Esta é uma

<sup>1</sup> Uma mão são cinquenta unidades, no caso, de milho.



cosmovisão do branco ocidental. Para a igreja romana é dia de São João, tem missa, orações e tudo dentro de uma visão de mundo (cosmovisão) religiosa.

O camponês explica de outras formas. Se chove até o dia dezoito de março significa que haverá milho no São João. Há uma relação com espiritualidade e o calendário agrícola se entrelaça com o aspecto religioso. Dia de São João é a festa da colheita. É o agradecimento pela boa safra. Agradecer a São José que enviou chuvas. A Santo Antônio que protegeu a lavoura. A São Pedro. Essa foi uma estratégia bem sucedida da igreja católica de ligar os fatos do cotidiano a dimensão religiosa. Porém, aos poucos a dimensão religiosa perde espaço aos negócios. O que importa é “aquecer a economia”, gerar empregos, mesmo temporários. É faturar. Bem, a igreja católica não é facilmente vencida, faz uma missa, realiza uma procissão, confraterniza através de rituais religiosos, mesmo tendo contribuído para transformar um ato religioso em um negócio. Não importa, as razões para as pessoas da cidade, é festa. Porque complicar e buscar a essência das coisas, o que importa é se divertir.

Buscar a essência dos fenômenos sempre foi um desafio da filosofia. Mas, porque filosofar? Nesta perspectiva acima descrita se separa o mundo racional do espiritual. O que importa é a produção que garanta a festa. Ótimo que a tecnologia contribui para isso. Não havendo chuvas se irriga. A semente é modificada, criando organismos geneticamente modificados. Não conseguindo se importa, de onde pouco interessa, desde que garanta a matéria prima, mesmo coadjuvante, para a festa. É o mundo material que prevalece.

### **Descrição da Experiência**

Para o camponês e mais especificamente os povos autóctones, esta festa tem outros significados. O que não impede de participar ativamente das festas, com a matéria prima, com músicas, comidas e outras contribuições. Porém, o trabalho começa cedo. No início do ano. O milho faz parte de um modo de vida. Completo e abrangente. Depende do cosmos, do universo, que sinaliza através dos ventos, das estrelas, das plantas e animais como será o ano. Se será chuvoso ou seco. Começa cedo, observando, selecionando sementes, preparando o solo, definindo se planta pouco ou muito. Escolhendo onde plantar. Se o ano é chuvoso escolhe terrenos mais altos. Se não, é seco, escolhe baixios. É toda uma competência, conhecimento, habilidades de observação que entra em cena diariamente. É o hoje, indicando o amanhã, onde se tem o respaldo do passado, da história.

É uma cosmovisão que contempla as diversas partes como um conjunto de energias em movimento. A natureza é entendida como um todo. É o ambiente que se interliga e organicamente está relacionado com o espaço onde se trabalha. Considera a dimensão espiritual, social e material. Um não é mais importante que outro. É da capacidade de observação e interpretação do conjunto que se cria alternativas mais adequadas para produção. O milho passa a ser um produto da conjugação da natureza. Faz necessário muitas vezes consultar os mais velhos, os sábios para ajudar na decodificação dos sinais. Observar a fauna e flora, plantas, ventos,



nuvens, posição, associação e claridade das estrelas, os animais. Cada um tem uma informação que precisa ser entendida. Buscam apoio de sinalização dos antepassados e seus espíritos” para a compreensão destes sinais. Nisto entram os rituais, as danças, os cantos para entender e assim poder plantar. Os brancos, ocidentais, chamam isto de misticismo. Para o saber camponês, o milho passa a ser uma expressão de uma cultura.

A previsão a partir da leitura e observação da natureza tem se revelado de uma precisão impressionante. Dora Ponce em seu trabalho sobre *La Preedición del clima en la cuenca de Jatun Mayu*, (2001:83-94) cita que o meteorólogo alemão Malber(1989) a partir de observações de camponeses ao redor de Berlim, sobre o clima, concluiu que “Os conhecimentos empíricos dos agricultores se baseiam em observações da natureza, considerando o curto, médio e longo tempo e baseados nos dados meteorológicos dos últimos 80 a 150 anos, a autor investigou as normas empíricas enquanto a sua probabilidade real e demonstrou que algumas normas tem 80% de probabilidade de ocorrência.” Ainda cita outros estudos que revelam e comprovam, de forma científica, a exatidão das previsões realizadas pelos povos andinos sobre o clima.

A partir destes elementos e deste conhecimento, a ciência da Agroecologia, que tem por objetivo ressignificar a relação do homem com a natureza na promoção da vida, deve assumir o compromisso de exercitar a justiça cognitiva e equidade epistêmica, reconhecendo a diversidade de saberes e de cosmovisões. Isto implica em compreender estes outros saberes e se for o caso, desenvolver pesquisas científicas para comprovar, estes conhecimentos. Porém, reconhecendo a existência de diferentes saberes é fundamental estabelecer um diálogo intercultural. Aceitar a diversidade de saberes como elementos constitutivo da agroecologia, na mesma forma da heterogeneidade da fauna e flora como elementos fundamentais da vida.

A vida cotidiana se constitui da dimensão espiritual, social e material. A primeira, tem seu princípio no conceito de vida, na relação homem e natureza, sendo o homem parte desta, na história, nos costumes, na ética, ritos, mitos, música, religiosidade, arte. A segunda, abrange as instituições, suas leis, organização da comunidade e hierarquia, festas, identidade cultural, relações sociais, relação com o mundo exterior a comunidade, suas relações de troca e de reprodução social da família e a terceira, sua inserção no agroecossistema, seja na dimensão produtiva animal e vegetal, como da própria vida.

Neste cenário, o São João tem diferentes concepções e todas elas verdadeiras e devem ser respeitadas. Para uns, o milho, faz parte de toda uma vida onde se observa, semeia, cultiva e colhe para alimentar a família e realizar trocas. Para outros um mero produto que se faz circular, trocar por moedas e movimentar a economia. Quando a colheita é boa, deve-se agradecer e festejar, quando não é, avaliar o que deu errado e recomeçar. O milho é base da alimentação. É o cuscuz, manguzá, xerém que se constitui em alimento diário. Estocado muitas vezes nos caibos ou ripas de sua casa, para o cotidiano e se possível para o ano inteiro. É alimento para as galinhas do terreiro, para outros animais. Um bernal de milho para o cavalo “afinar o pelo”, aumenta a resistência, a beleza. É uma questão de



segurança alimentar para a família e para a criação. Tem um moinho de pedra, pedra dura, para quebrar o milho. A parte mais grossa para xerém, a parte mais fina, a massa, para bolos e cuscuz.

A festa é a comemoração da colheita. É abundância. A fogueira ilumina o terreiro, aquece as noites, se assa o milho. Na casa em sala apertada, na luz do candeeiro, se dança com trios locais, formados pelos vizinhos. Aquele que se foram para a cidade, estudar, trabalhar buscar alternativas de vida, retornam vindo de perto ou de longe, para a confraternização, para o reencontro com suas origens e com as pessoas. Trazem amigos. Matam saudades. Vivem plenamente o momento.

Porém, vem a modernidade. A luz chega. Os moinhos de pedra são abandonados. É mais fácil comprar na bodega ou em supermercados, o flocão, o milho já industrializado e assim fazer as comidas de milho. A festa vem para a cidade, porém, em muitos sítios ainda ocorre com outra dimensão.

A agroecologia tem a missão de recuperar a cultura, como identidade. Buscar entender o milho como parte do todo. A semente não é apenas a geradora de outra planta. É conhecimento. É sabedoria. É resultado de muitos anos de observação seleção. Embora hoje, se tenha os transgênicos, que se dissemina pelos ventos, corroendo a biodiversidade e acabando com anos de trabalho. Por isso, é necessário valorizar pelas sementes crioulas.

Para outros é momento de incentivar festas para “aquecer a economia” ampliando o faturamento de cada município. Para outros ainda, é um momento de lazer, esquecer as dificuldades da própria vida, se desligando do stress, comendo pamonha, canjica, bolos, ou seja outras comidas que diariamente não faz parte de sua vida e dançado ao som de um forró de pé de serra ou outra música que mais lhe agrada, são camisas de quadros. Chapéu de palha. O cidadão se veste para a festa. Vem a caricatura do “matuto”. São cosmovisões diferentes para cada grupo social sobre o São João. É verdade que estas cosmovisões podem ser complementares, mas também podem ser antagônicas, conflitivas. Porém, refletem a leitura do mundo com maior ou menor profundidade.

## Resultados

Existem muitos exemplos de resistência. De grupos de mulheres, de jovens, de diferentes agricultores e nativos em diversas partes do mundo. Destaca-se neste trabalho, por exemplo, o povo Xukuru, na serra de Ororubá, em Pesqueira, Pernambuco. Após a retomada das terras, este povo, vem empreendendo um grande esforço de retomar uma agricultura xukuru. Um modo de vida. Buscando a diversidade, ancestralidade, solidariedade, reciprocidade. Retomando e incentivando a valorização do saber dos mais velhos. Estão espalhados em 24 aldeias. São aproximadamente 12 mil pessoas. Alguns se envolvem mais diretamente nesta retomada, outros resistem, aculturados que foram desde o século XVI. Suas terras foram ocupadas por religiosos e fazendeiros. Estabeleceram a criação de gado. Expulsaram os nativos, derrubaram a caatinga e plantaram capim. Usando a mão de



obra nativa para gerar riquezas, enquanto a população local empobrecia. Financeiramente e culturalmente. Ofereceram novos rituais, novos santos em substituição a Tupã e Mãe Tamain. Acabaram com a diversidade e concentraram terra e poder. Com a retomada das terras se iniciou um novo ciclo. A retomada da agricultura xukuru. Dançando o Toré, criam vínculos e fortaleçam suas identidades. A reciprocidade e solidariedade. Não é fácil. Vários anos estiveram submetidos a outra cosmovisão. Resistem, misturam religiões em um sincretismo religioso. Cultivando a diversidade e buscando resgatar plantas, comidas, danças, rituais sagradas, buscando recuperar uma identidade e uma comunhão com a natureza. Resignificando suas relações com a natureza na promoção da vida. O que nas academias chama-se Agroecologia.

A intenção não é voltar no tempo. A modernidade tem seus benefícios para toda a população. Porém, tem seus percalços. Entre eles está o grande impacto ecológico. A perda da diversidade, solidariedade e reciprocidade. O afastamento e mesmo desligamento do homem da natureza, gerando uma crise de identidade e um aumento da própria irracionalidade. A crise é civilizatória. Em grande parte provocada pelo homem. E é a partir deste, refletindo sobre seu cotidiano, suas festas e ritos, que se pode retomar à um processo civilizatório onde se considera o homem como parte da natureza, mais um animal entre inúmeros, inserido no processo de energia cósmica.

Ao buscar analisar o São João, a intenção é apontar resistências, advindas principalmente do campesinato. Ao citar rapidamente os Xucurus, por exemplo, busca-se ressaltar o enorme esforço empreendido, que sem largar a modernidade e suas tecnologias reafirmam uma identidade de sua relação com a terra e sua cosmovisão. Onde o milho, representa uma parte do todo. É fruto de uma confluência de energias que giram no cosmos, ao mesmo tempo, é resultante de um saber acumulado por muito tempo. A ciência usou estes conhecimentos e estas sementes, para artificializando, transformar em transgênicos e visto exclusivamente como fonte de renda de grandes grupos internacionais. O milho caboclo sinaliza uma direção. O transgênico outra direção. Um aponta para uma cosmovisão, onde a espiritualidade se faz presente. Outro, indica para cosmovisão onde o lucro, o mercado e a acumulação financeira é a marca central deste processo de artificializarão que compromete a vida, mesmo reconhecendo que certas religiões se fazem presentes e subsidiam esta cosmovisão. A cidade, sem reflexão de maior profundidade, assumem esta dimensão e contribui para reafirma-la. Ao camponês cabe resistir.

A Agroecologia tem um papel neste processo, que acreditamos ser pela vida, pela resistência, pela biodiversidade, pela solidariedade, pela reciprocidade, pelo fortalecimento do campesinato e pela busca da essência das coisas, para desta forma possa contribuir para o futuro, com realização de um São João, rico, pleno, com danças, ritos, musicas, comidas e que seja a expressão maior da fartura e do bem viver.